

## TEMPO À DISPOSIÇÃO

Adriano era um homem muito trabalhador. Nascido de família humilde, de poucas posses, filho mais velho de quatro irmãos, ultrapassou todas as fases do ensino fundamental e médio com certa dificuldade, em razão do concomitante trabalho duro, desde os 12 anos de idade, junto à pequena mercearia dos seus pais. Não cursou ensino superior. As exigências do dia-a-dia o afastaram daquele horizonte escolar. Era preciso dedicar-se ao incipiente negócio da família, especialmente após o falecimento do seu pai, que o ascendeu desde jovem à posição de provedor, no seu núcleo mais restrito: mãe idosa e de dois irmãos mais novos.

Casou-se com Nadine há uns 5 anos. Do casamento, nasceram Pedrinho e Amanda, em espaço de um ano e alguns meses de diferença.

Surpreendido com a pandemia global, Adriano teve que fechar as portas do pequeno comércio da família, que já andava fraco. Impulsionado pela necessidade de manter o sustento de seus dependentes, tentou trabalhar como motorista de aplicativo; entregador de encomendas; vendedor ambulante. Nenhum empreendimento, todavia, conseguiu lhe dar o suporte financeiro necessário para fazer frente às despesas básicas da casa.

Passou a percorrer lojas, estabelecimentos, indústrias e escritórios da cidade, oferecendo sua mão-de-obra. Tarefa inútil. Adriano sabia que a alta taxa de desemprego e o comércio abatido por uma vasta crise econômica transformariam sua romaria em peregrinação desesperançosa. Sua persistência era mais teimosia do que confiança.

O dia parecia que iria terminar como todos os anteriores quando, por descuido ou alento, se deparou com um galpão velho, em uma quadra quase deserta. Embora o local aparentasse abandono, chamou-lhe a atenção uma placa muito nova, bem acabada, afixada na entrada, contendo os dizeres "CONTRATA-SE COLABORADOR / REQUISITO: TER TEMPO À DISPOSIÇÃO".

Quase que sem alternativa, como se seguisse, faminto, a uma cocheira, Adriano ingressou ao galpão em busca de mais informações sobre aquele inusitado e curioso anúncio. Caminhou, a passos curtos, cuidadosa e vagarosamente por aquele ambiente vazio, de iluminação precária, oriunda de estreitos feixes de luz do dia que penetravam através de pequenos buracos no telhado, provocados seguramente pela ação do tempo.

Havia ninguém. Pensou em ensaiar uma interjeição de "olá", mas, antes da sonorização, percebeu um pequeno cômodo retangular, uma construção de alvenaria antiga, com uma única porta e janela, encostada na lateral direita do galpão. Uma luz branca, artificial, emanava do seu interior, a indicar alguma presença. Foi ao encontro daquele possível anfitrião.

Com duas pequenas batidas à porta, Adriano ouviu um barulho no interior, semelhante ao de uma cadeira a se arrastar sobre o chão. Em segundos, a porta se abriu.

Em pé, à sua frente, surgiu um senhor de meia-idade. Gordo, porém não obeso, sorriso largo, cavanhaque e cabelo bem aparados, pele clara e bochechas rosadas, vestia uma camisa social branca, enfiada para dentro de uma calça marrom, cinto e sapatos pretos.

- "Boa tarde! Seja bem-vindo! Entre, por favor", antecipou o desconhecido, antes mesmo que Adriano pudesse expressar qualquer palavra. "Veio por causa da placa, não é mesmo?"

Adriano, mudo, acenou afirmativamente com a cabeça, enquanto se acomodava em uma das cadeiras vazias ao lado de uma mesa de madeira, naquele espaço que parecia um escritório, sem muito luxo, porém bem organizado.

- "Fico feliz pelo seu interesse. Hoje, mesmo, tivemos outros três interessados na vaga... E vejo que você é jovem e tem muito potencial para ocupá-la!"

- "Obrigado", respondeu Adriano, "mas a vaga é para quê, mesmo?"

- "Que bom que perguntou", rebateu o anfitrião. "Precisamos de pessoas que colaborem com a empresa, com tempo à disposição. Não é preciso fazer mais nada. Basta dar seu tempo à firma!"

- "Não entendi... A única coisa que eu tenho que fazer é 'dar o meu tempo à firma'?"

- "Exatamente!", exclamou o anônimo interlocutor. "Veja, meu jovem, que oportunidade preciosa estou lhe oferecendo hoje! Em troca do seu tempo, eu lhe pagarei uma boa quantia em dinheiro!"

Adriano franziu a testa, ganhando um ar de desconfiança. Afinal, ele receberia dinheiro em troca apenas de... tempo?

- "Não fique confuso. Eu explico: aqui é uma empresa como outra qualquer, só que, para facilitar as coisas, fazemos o seguinte: eu pagarei dez centavos para cada minuto de vida que você vender à firma. Eu repito. Para cada minuto de vida que lhe resta, eu pagarei dez centavos. E você que decide quanto tempo você quer vender - e eu pagarei imediatamente. Nada mais, nada menos. Que tal?"

- "Quer dizer que tudo que eu preciso fazer para ser contratado e receber meu dinheiro é dizer, agora, quanto tempo de vida eu vou vender e o senhor já me paga?"

- "Isso mesmo, Adriano! Eu sabia que você era esperto. É só isso. A única exigência é: diga, uma única vez, quanto tempo da sua vida restante você venderá. Mas observe: uma vez acordados, nosso contrato será irrevogável; o seu tempo passará para a empresa e você já sairá daqui com uma maleta com o dinheiro vivo correspondente!", respondeu, apontando para uma maleta ao lado da mesa.

O sorriso largo daquele entrevistador, que se abria ao final de cada frase pronunciada, fazia com que Adriano se sentisse em um programa de auditório, porém sem plateia ou câmeras. Poderia ser uma pegadinha com alguma câmera escondida? Talvez. Poderia ser apenas um maluco brincando com as pessoas que ali entravam? Também parecia uma possibilidade. Mas e se tudo fosse real? Ganhar dinheiro fácil assim em troca só de tempo? Por que não?

Adriano começou a fazer as contas. Se, para cada minuto de vida, aquele contratante pagaria dez centavos, quer dizer que o

valor de uma hora era seis reais. Um dia valia cento e quarenta e quatro reais. Um mês? Quatro mil, trezentos e vinte!

“Uau!”, pensou Adriano. Quanto receberia em um ano? “R\$52.560,00”, calculou em um pequeno papel que carregava consigo.

O valor parecia muito melhor do que receberia com o trabalho na mercearia. Mais de cinquenta mil reais ao ano! Só que Adriano ainda precisava decidir quantos anos de vida iria vender. Afinal, só poderia vendê-los uma única vez - e de uma vez só.

Dez anos? Seriam mais de quinhentos mil reais! E se fossem vinte anos? Um milhão!

Sim, vinte anos de vida dariam a ele conforto financeiro suficiente. Mas uma oportunidade como essa só aparece uma vez. Não haveria outra. Ser milionário era tudo que ele sempre sonhara.

Quarenta anos! Não... Cinquenta! Sim, cinquenta!

- “Ok, eu aceito sua proposta! Vendo cinquenta anos do que falta de vida pelo dinheiro vivo”, rompeu Adriano o silêncio daquele ambiente.

- “Está certo disso?”, perguntou o suposto contratante.

- “Sim, estou certo”, confirmou Adriano.

- “Ótimo! Vamos calcular: cinquenta anos... Deixe-me ver: serão dois milhões, seiscentos e vinte e oito mil reais”, confirmou o interlocutor. “Assine aqui o contrato. Ele já está preenchido com todos os seus dados e datado. Basta sua assinatura”.

Adriano empunhou a caneta. Com pequenos movimentos, desenhou o seu nome naquela folha de papel cheia de letras e palavras. Não pretendeu ler o que assinava, afinal, não saberia nem mesmo discutir aquele contrato e o dinheiro que receberia valia qualquer coisa.

Levantou a cabeça e viu o senhor erguer a maleta cheia de dinheiro. Eram notas de cem reais, separadas em vários pacotes. Fez uma contagem rápida e, sim, lá estavam mais de dois milhões em dinheiro vivo!

Levantou-se, já com a maleta consigo. Olhou firmemente para aquele contratante que, sorrindo, fez um gesto com as mãos e lhe conduziu à saída do galpão. Pouco antes de deixar o prédio, entretanto, Adriano virou-se àquele enigmático homem e perguntou: “apenas por curiosidade, como o senhor sabia o meu nome e quem eu era?”

Após uma pausa de três segundos, enquanto sustentava o sorriso no rosto, veio a resposta:

- “Nós sempre sabemos quem vocês são... E quanto vocês valem”.

Adriano sentiu imediatamente uma forte dor no peito. Com as pernas fracas, caiu para um lado - e a maleta, para outro. Com a vista escurecendo, aos pés daquele desconhecido, tentou imaginar o que estava acontecendo. Viu o homem se abaixar e apanhar a maleta, fazendo meia-volta a caminho do pequeno cômodo, agora distante. Percebeu, naquele momento, que já não tinha mais tempo. Não tinha tempo para brigar, reclamar, denunciar. Não teria tempo para se despedir da sua mãe; dos seus irmãos; da sua amada esposa. Não teria tempo para beijar seus filhos, nem vê-los crescer. Não teria tempo de envelhecer ao lado dos amigos, nem de viver tudo que sonhava.

Nem mesmo o dinheiro que ganhara há pouco seria capaz de lhe oferecer mais tempo, pois, em verdade, todo aquele valor não passava de uma grande ilusão de vida.

Só lhe coube questionar, no seu último lampejo: afinal, quanto tempo, de fato, tinha ele à disposição da sua própria vida?

Nivaldo Dóro Junior

